

A utilização do Facebook no processo de formação docente: linguagem, TIC, comunicação e educação

Valéria MARTINS

Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil

RESUMO

A formação docente vem à tona com uma frequência cada vez maior na medida em que diminui, pelo menos no Brasil, o número de jovens que escolhem exercer sua atividade profissional na área da educação. Ademais, no início da formação, o graduando, muitas vezes, é desestimulado já que muitos professores que atuam na Educação Básica brasileira não encorajam os estagiários a entrar na profissão. Foi a partir desse desanimador contexto educacional brasileiro que surgiu a prática geradora desta pesquisa que objetiva refletir sobre o papel do estágio curricular supervisionado na formação do profissional da área de Letras. Este trabalho busca, também, oferecer aos professores da Licenciatura em Letras uma alternativa mais atraente e significativa de acompanhamento para o Estágio Curricular Supervisionado. Para tanto, é descrita a experiência de se acompanhar os estágios por meio de uma rede social. Por fim, pondera-se sobre a necessidade de se repensar os cursos de formação dos docentes de Língua Portuguesa, de se alterar os objetivos e a forma de execução dos estágios supervisionados e a importância da constante atualização também dos professores que formam outros docentes.

Palavras-Chave: Formação docente; Letras; Estágio Curricular Supervisionado; Rede social.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, no ambiente acadêmico, discute-se cada vez mais a formação de professores no Brasil, na medida em que diminui o número de profissionais que escolhem trabalhar na área da educação. Baixos salários, péssimas condições de trabalho, jornada semanal exaustiva, baixa estima social, indisciplina e violência por parte dos alunos.

Além disso, é comum ouvir relatos de que, de forma geral, o universo da educação formal encontra-se distante da realidade midiática e tecnológica dos alunos que, hoje, estão conectados muitas horas à internet. Tal fato distancia docentes de discentes, tirando a atenção dos estudantes das aulas, frequentemente apenas expositivas, em que predominam maçantes conteúdos programáticos e que desestimulam os jovens a optarem pela profissão docente [1].

Tal situação piora quando se analisa o universo da área de Letras. É grande o número de pessoas que se espantam quando um jovem afirma que escolhera cursar a graduação em Letras, para tornar-se, futuramente, um professor de Língua Portuguesa ou de Língua Estrangeira, sendo que, na maioria das vezes, questiona-se o porquê da escolha e atesta-se que os profissionais dessa área sempre são mal remunerados.

Depois de cursados alguns semestres da graduação em Letras, a situação de falta de estímulo pode agravar-se. O graduando é obrigado a fazer o estágio curricular supervisionado para receber, ao final do curso, a habilitação para ministrar aulas. O

Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução CNE/CP nº 01, de 18 de fevereiro de 2002, no §3º do Art. 13, estabelece que: esse estágio deve se realizar em escola de Educação Básica; um regime de colaboração entre os sistemas de ensino deve ocorrer e todo o processo deve ser avaliado conjuntamente pela instituição superior formadora e pela escola na qual se concretiza o estágio.

Entretanto, além do parco diálogo entre as instituições envolvidas, observa-se, por meio das discussões que ocorrem em sala de aula e por meio dos relatórios de estágio produzidos pelos discentes do Curso de Letras que descrevem as experiências vivenciadas ao longo de todo o processo, que há, com certa frequência, uma incoerência entre o que defendem os docentes formadores e o que os futuros professores veem nas salas de aula do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

Foi a partir desse precário e desestimulante contexto educacional brasileiro de formação de professores que surgiu a ideia geradora desta pesquisa. Este trabalho objetiva refletir sobre o papel do Estágio Curricular Supervisionado na formação do profissional da área de Letras.

Propõe-se, dessa forma, averiguar como o estágio transcorre, como ele é orientado pelos professores nas instituições formadoras e nas instituições da Educação Básica, como ele interfere na formação do futuro professor e se ele pode fazer germinar nos graduandos o gosto pela profissão docente. Sendo fruto de uma experiência profissional voltada para a formação docente, este artigo busca, também, oferecer aos professores da Licenciatura em Letras uma alternativa mais atraente e significativa de acompanhamento para os estágios. É nesse momento que surge a rede social Facebook, ferramenta digital que foi utilizada para a concretização da proposta estudada nesta pesquisa.

Em um mundo em que os artefatos tecnológicos invadem a vida da maioria das pessoas, alteram a comunicação das informações e criam novos espaços de conhecimento, as redes sociais podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, na medida em que, frequentemente, dinamizam trocas de experiências entre professores e alunos e entre os próprios alunos [2].

É evidente que a aprendizagem dá-se por meio das habilidades cognitivas do ser humano, não por meio, unicamente, da tecnologia. Entretanto, uma ferramenta tecnológica bem utilizada, sem sombra de dúvida, pode favorecer e enriquecer o processo de aprendizado [3].

2. O ACOMPANHAMENTO DOS ESTÁGIOS CURRICULARES POR MEIO DO FACEBOOK

2.1 O SURGIMENTO DA PROPOSTA

Depois de fazer leituras atentas de relatórios de estágios por dois anos, a professora e pesquisadora deste trabalho chegou a algumas constatações ao perceber que “embora, legalmente, ou

em termos de discurso, o estágio curricular seja apresentado como elemento de integração entre teoria e prática, na realidade ele continua sendo um mecanismo de ajuste que busca solucionar ou acobertar a defasagem entre elementos teóricos e práticos” [4] estudados ao longo da graduação.

Em primeiro lugar, ficou evidente que muitos alunos sentiam-se desmotivados pelo fato de seus relatórios de estágio serem lidos, basicamente, por apenas uma pessoa: a professora que ministrava a disciplina ligada ao estágio.

Em segundo lugar, muitos alunos diziam que seria muito rica a experiência de compartilhar algumas experiências do estágio que poderiam ser gravadas por meio de vídeos em celulares. O relatório de estágio em papel não possibilitaria tal prática. Alguns vídeos poderiam ser exibidos nas aulas, mas a exibição de todos os vídeos seria improvável.

Em terceiro lugar, em uma das instituições de Ensino Superior, que ofereceu os relatórios de estágio para a concretização desta pesquisa, também não era permitida a inserção de fotos nos relatórios de estágio para que os documentos não ficassem pesados e fosse possível a gravação de todos os relatórios de estágio de uma mesma turma em um único CD. Obviamente, eram muitas as situações que os estagiários gostariam de fotografar, como ensaios, brincadeiras, gincanas, apresentações teatrais. Mais uma vez, o relatório impresso limitava o relato.

Por fim, durante as aulas, sempre surgiam momentos em que os alunos queriam dividir com os outros graduandos, em função da dificuldade de se conseguir o estágio, dicas de escolas que recebiam bem os estagiários ou que ainda tinham vagas. Muitos mandavam para os e-mails dos colegas de sala tais informações ou postavam as dicas em suas páginas pessoais no Facebook.

Além disso, vários alunos que cumpriam o estágio e que, predominantemente, chegavam aos bancos universitários profundamente desmotivados com o que viam nas salas de aula de Educação Básica, passaram, também, a postar informações sobre as escolas ou situações que vivenciaram em sala de aula, na página pessoal do Facebook da própria pesquisadora deste trabalho, sendo que não eram só postagens pessimistas ou que só reclamavam de determinadas práticas docentes.

Na página pessoal da pesquisadora, também começaram a ser recorrentes relatos de dificuldades seguidas de descrições apaixonadas pelo curso de Letras. Embora o estágio frequentemente desestimule os alunos a abandonarem o curso pelas inúmeras dificuldades encontradas durante a execução do estágio, eles tinham estímulos nos bancos universitários, mais especificamente nas aulas das disciplinas pedagógicas.

Os futuros professores também postavam na página pessoal da professora exemplos de escolas com boas práticas pedagógicas. Ademais, passaram a divulgar dicas de escolas que aceitavam os estagiários sem restrições inexplicáveis.

E, por fim, começou a aumentar dia a dia o número de mensagens *inbox* sobre dúvidas gerais sobre os estágios. Foi a partir desse momento que surgiu a ideia de criar um mecanismo coletivo de ensino-aprendizagem. Surgiu, assim, a ideia de usar o Facebook como instrumento metodológico de troca de informações e de vivências. O próximo item descreve todo o processo de utilização do recurso por parte dos licenciandos.

2.2 A PROPOSTA

No dia 06 de agosto de 2012, foi criado um perfil no Facebook específico para acompanhar os relatos dos graduandos que tinham de cumprir o Estágio Curricular Supervisionado em escolas públicas ou privadas de Educação Básica.

O mais revelador da experiência foi que, logo de início, um número grande de alunos passou a enviar postagens para o perfil ora com dúvidas, ora com sugestões de escolas; ora com pedidos de ajuda para conseguir vaga em alguma escola, ora para contar alguma experiência vivenciada nas instituições de Educação Básica.

Como a página foi criada quando o semestre letivo começou, inicialmente, surgiram muitas postagens que tratavam da dificuldade de se conseguir uma vaga nas escolas.

Outro problema também relatado com frequência envolve o fato dos diretores aceitarem estagiários, mas os professores não. O discurso dos alunos retratava as várias negativas de professores que os graduandos recebiam. Infelizmente, a maior parte dos professores sente-se muito incomodada com a presença de um estagiário. Entretanto, se a aula é bem preparada, se o docente cumpre a sua parte como educador, não há o que temer.

Mais uma questão que merece atenção envolve o fato de muitas instituições serem extremamente desorganizadas. Os relatos no Facebook demonstraram que os estagiários chegam à instituição em que gostariam de fazer estágio e nela, rotineiramente, são mal orientados em relação a com quem devem falar e para onde devem ir.

Também foi frequente a postagem de relatos de diretores que queriam uma carta de recomendação da faculdade antes de aceitarem os estagiários, sendo o Termo de Compromisso de Estágio a única obrigatoriedade legal que o estagiário teria de apresentar aos gestores.

Ademais, foi grande o número de graduandos que publicaram *posts* relatando que os gestores ficavam pouco tempo nas escolas e que viajavam bastante, não deixando nenhum funcionário responsável por sua função. Às vezes, uma viagem pode ser necessária por questões profissionais ou até mesmo pessoais. Todavia, é indispensável encontrar um funcionário na escola que possa assumir as funções de gestão durante a ausência do diretor.

Outra situação recorrente na página do Facebook envolveu a recusa dos diretores assinarem o Termo de Compromisso de Estágio com a informação de que não assinariam o documento porque eles não o conheciam. Alguns alunos também mandavam mensagem *inbox* pedindo ajuda, solicitando dicas de escolas que aceitavam os estagiários de forma tranquila e respeitosa.

Foi em função de todas as dificuldades elencadas anteriormente que surgiu a ideia dos alunos veteranos postarem no perfil do Facebook uma lista com os nomes das escolas que recebiam de forma tranquila e respeitosa os futuros professores. A docente universitária que cuidava dos estágios publicara um *post* pedindo ajuda e, minutos depois, começaram a ser visualizados vários comentários com as indicações das escolas.

Além disso, sobrava mais tempo na aula para a reflexão acerca

das questões práticas do estágio, não se perdendo, assim, tempo com situações puramente burocráticas como essa. O Facebook funcionou como uma nova ferramenta pedagógica que facilitou o processo de formação docente [5]. Nesse sentido, a principal função do professor não pode ser mais a difusão dos conhecimentos que agora é feita de maneira mais eficaz por outros meios, como por meio das redes sociais [6].

Talvez também por isso, naturalmente, os alunos passaram a publicar *posts* culturais no perfil. Um grande número de estagiários publicava dicas de filmes que tinham relação com a área da educação, ou seja, os alunos passaram a postar no Facebook *links* com dicas de filmes e documentários que surgiam nas discussões em sala de aula em função de algum assunto que vinha à tona por causa das experiências vivenciadas nas escolas de Educação Básica. Naturalmente, os alunos passaram a ser protagonistas da própria formação, indivíduos autônomos que publicavam coletivamente informações relevantes e, muitas vezes, inspiradoras: “De modo bem direcionado e trabalhado, os vídeos podem acelerar o processo de ensinar e aprender” [7].

Os futuros professores também passaram a postar fotos e vídeos que poderiam gerar ótimas reflexões nos bancos universitários e dicas de materiais que poderiam ser usados com outras turmas de Licenciatura. Os papéis de professor e alunos, então, misturaram-se e os próprios discentes passaram a ajudar a pesquisadora e docente a montar as suas aulas dos próximos semestres oferecendo ótimas sugestões de materiais [8]. O Facebook transformou, dessa forma, o universo do processo de ensino-aprendizagem: “Chamo a atenção para o fato de que se instauram nessa nova configuração de cultura aprendizagens permanentes e personalizadas de navegação em que a orientação dos estudantes e professores passa a ser dirigida para um espaço do saber flutuante e destotalizado” [9].

É a partir desse saber flutuante e destotalizado que cada vez mais os alunos postavam relatos sobre os estágios. Além disso, eles passaram a publicar materiais que não podiam ser publicados nos relatórios que eram entregues em papel.

Em uma das instituições formadoras, por exemplo, o setor, que recebe e arquiva, ao final dos semestres, os relatórios de estágio, solicita que os alunos não anexem, em seus relatórios, informações escaneadas que possam deixar os relatórios muito pesados. Assim, era recorrente a reclamação de que os alunos não tinham a chance de anexar provas, atividades, fotos e imagens relacionadas ao estágio. O setor criava esse impedimento para que todos os relatórios de uma mesma turma fossem gravados apenas em um único CD, gravação esta executada pela própria docente que supervisiona os estágios.

No Facebook, este problema não existia. Foi, então, que os discentes passaram a publicar fotos e vídeos de momentos vivenciados ao longo do Estágio Curricular Supervisionado. Tais materiais enriqueceram de forma intensa as discussões em sala de aula na universidade, pois a “imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado” [10].

A partir de então, semanalmente, havia *posts* por meio dos quais era possível visualizar alunos da Educação Básica trabalhando em sala de aula, ensaiando para apresentações teatrais e produzindo trabalhos que seriam expostos nas feiras escolares.

Também houve a publicação de relatos de várias escolas que utilizavam, em vez do tradicional barulho do sinal que indica o final de uma aula e o começo de outra, uma música, prática esta muito relaxante e divertida. No segundo semestre de 2013, uma aluna chegou a postar para os colegas informações sobre o Programa Residência Educacional, que acabara de ser criado.

Paralelamente, entretanto, continuavam a aparecer relatos de experiências negativas que afetavam o bom andamento das aulas. A falta de material, por exemplo, era muito recorrente, mesmo em meses do segundo semestre do ano letivo.

Eram comuns, também, fotos demonstrando que a infraestrutura das escolas, principalmente das públicas, não estava de acordo com o que os alunos merecem. Grades eram frequentemente fotografadas nos ambientes escolares.

Da mesma forma que nos relatórios impressos, continuavam os relatos de falas de professores que desestimulavam os estagiários.

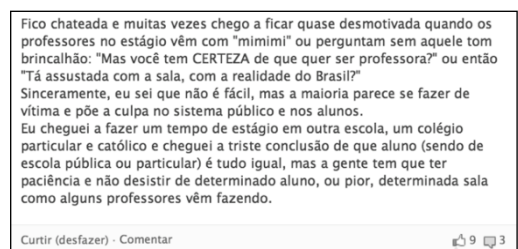


Fig. 1 Postagem que comprova como os alunos recebem palavras de total desestímulo de muitos professores da Educação Básica.

No caso, acima, entretanto, já é possível perceber um tom de que a mudança é possível, de que a educação pode, sim, melhorar, pois o aluno que relata sua experiência fala da importância dos docentes serem profissionais pacientes e determinados no ambiente escolar, insistindo em práticas que possam, verdadeiramente, fazer a diferença na vida dos alunos.

Isso leva, então, à comprovação de que os alunos passaram, com o tempo e por meio de um processo de amadurecimento acadêmico e científico, a fazer relatos muito mais reflexivos com o transcorrer do semestre. Naturalmente, no início do semestre, a maior parte dos relatos trazia práticas pedagógicas insatisfatórias ou sentimentos ruins frente ao estágio. Depois, por meio das trocas de ideias entre o professor e os alunos e entre os próprios alunos, um tom mais leve tomou conta do perfil criado no Facebook.

Os textos deixaram de ser feitos só para a atribuição de uma nota e ganharam um caráter público, tornaram-se coletivos. O Facebook passou a representar um diário coletivo das experiências, das angústias, das dúvidas, mas, também, das possíveis soluções para os problemas apresentados. Todos os colegas viam o que os outros escreviam e comentavam [11].

É importante ressaltar que a responsabilidade sobre o ato da escrita aumentou, assim como ampliou-se também a responsabilidade do professor que orientou essa nova experiência. O Facebook não poderia transformar-se, por exemplo, em um ambiente de apenas reclamações. Buscavam-se, primordialmente, soluções para os problemas apresentados.

É por isso, também, que relatos sobre experiências positivas e

estimulantes passaram a ser descritos no Facebook. Um tom de esperança imperava, assim, da metade do semestre em diante. Seguem alguns exemplos:

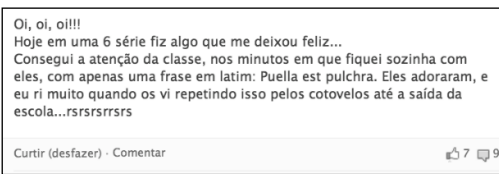


Fig. 2 Postagem na qual uma aluna narra um situação engraçada pela qual passou durante o estágio.

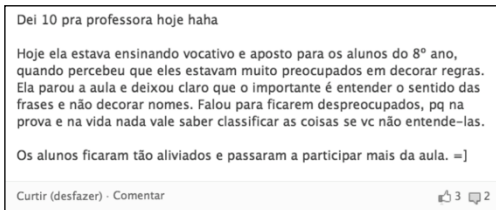


Fig. 3 Postagem em que uma estagiária narra uma prática pedagógica satisfatória na aula de gramática de Língua Portuguesa.

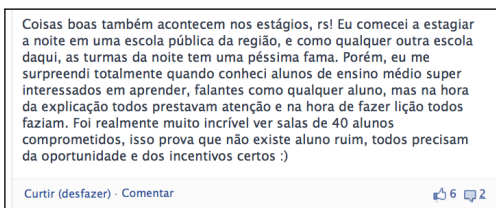


Fig. 4 Postagem na qual uma estagiária descreve sua experiência de estágio, ressaltando que ficara espantada com um retorno tão positivo dado pelos alunos diante de oportunidades e incentivos.

Destaque deve ser dado, ainda, a um relato por meio do qual o estagiário explica que, ao final do processo de observação das aulas, a professora que o acompanhara na escola de Educação Básica solicitara um relatório feito por ele mesmo, analisando a prática pedagógica da docente:

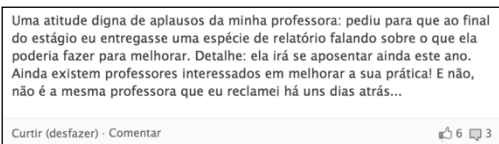


Fig. 5 Postagem na qual o estagiário expõe que ainda existem no mercado professores preocupados em melhorar sua prática pedagógica.

Além disso, ao término dos estágios, muitos alunos diziam que acabavam ficando emocionados ao saber que não veriam mais os rostos daqueles determinados alunos:

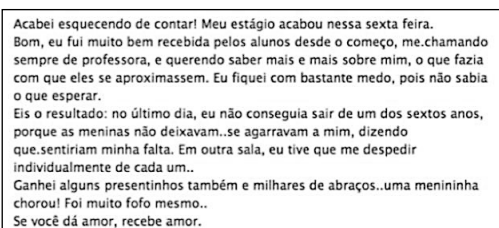


Fig. 6 Postagem na qual a universitária relata o final do seu Estágio Curricular Supervisionado.

Por meio desses relatos, nota-se, portanto, que os alunos

passaram a produzir o próprio conhecimento [12] e os relatos não estavam mais baseados em simples observações das aulas assistidas. Havia a partir de agora análises mais sólidas do ambiente educacional da Educação Básica, além de uma vontade grande de mudar o que não estava satisfatório e adequado:

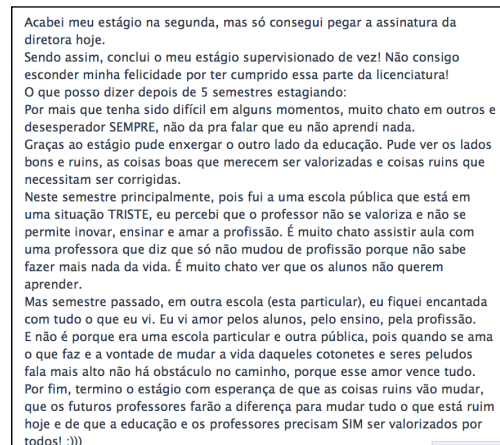


Fig. 7 Postagem na qual uma estagiária analisa com criticidade os estágios pelos quais passou.

De forma geral, o relato acima retrata como a maior parte dos alunos chega ao final do estágio depois de passarem o semestre dividindo quase que diariamente experiências no Facebook: realistas, mas esperançosos. Eles detectam problemas, questões difíceis de serem solucionadas no dia a dia escolar, mas não perdem a vontade de fazer algo diferente por aquela árdua realidade [13]. Assim, eles fazem várias reflexões ao longo de todo o estágio [14].

Entretanto, se só houvesse o relatório escrito impresso, prática que ocorre na maioria das instituições de ensino que possuem cursos de Licenciatura, parte desse processo de reflexão, todo aqui relatado, não teria se efetivado.

Os relatórios impressos são mais descritivos e menos reflexivos. A impressão que se tem é que o papel é limitador e que, muitas vezes, por diversas questões já aqui levantadas, o aluno filtra grande parte das informações que possui. Os relatos no Facebook, por sua vez, eram francos e questionadores.

Dessa forma, constata-se que quando bem orientados, os estagiários podem, sim, aproveitar o estágio de forma bem intensa: “Assim, o supervisor/orientador de estágio será encarado como o promotor de estratégias que irão desenvolver nos futuros professores o desejo de refletirem e, através da reflexão, a vontade de se desenvolverem em continuum” [15].

Na prática, o que ocorreu foi que as discussões e interações na página do Facebook foram levadas para o contexto educacional universitário e, depois de um tempo, as reflexões virtuais tomaram as aulas presenciais. O Facebook, portanto, provocou debates e discussões profundas e auxiliou no processo de entendimento de diferentes visões sobre um mesmo tema, percurso orientado de perto pela docente que ministrava as disciplinas que faziam a supervisão do Estágio Curricular Supervisionado [16].

Houve, assim, a criação de um ciberespaço, de um “hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e

modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante” [17]; de um “ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes” [18].

Ademais, os relatos de um semestre serviam como estímulos para os alunos que iniciavam os estágios no curso de Licenciatura. Muitos agradeciam pelos relatos anteriores, pelas dicas de escolas que recebiam bem os universitários e pelas práticas pedagógicas que inspiravam. Diante de todas essas possibilidades, mais uma vez, afirma-se que o docente tem um papel importante no processo de ensino-aprendizagem: “O professor poderá redimensionar sua autoria, modificando a base comunicacional potencializada pelas tecnologias digitais” [19].

Apesar de todas as dificuldades vivenciadas durante o estágio, o professor/supervisor do Estágio Curricular Supervisionado pode transformar, por meio de estratégias múltiplas, os obstáculos em estímulos. O docente universitário, quando consciente e envolvido com sua tarefa, pode fazer brotar no futuro professor a vontade de mudar, de melhorar o que não está bom na área educacional.

Embora a internet e as redes sociais propiciem um ambiente de aprendizado mais livre, no qual o ritmo individual de aprendizado é mais respeitado, o papel do professor como mediador, como guia, como facilitador, continua sendo insubstituível [20]. Da mesma forma, o comprometimento docente mantém-se essencial no ambiente escolar.

3. CONCLUSÃO

Na verdade, talvez, muito se tenha discutido e pouco se tenha feito pela formação de professores no Brasil. Embora o Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução CNE/CP nº 01, de 18 de fevereiro de 2002, no §3º do Art. 13, estabeleça que o Estágio Curricular Supervisionado deve se realizar em escola de Educação Básica, que um regime de colaboração entre os sistemas de ensino deve ocorrer e que todo o processo deve ser avaliado conjuntamente pela instituição superior formadora e pela escola na qual se concretiza o estágio, constatou-se que não é isso que ocorre na prática.

De forma geral, não há um regime de colaboração entre as universidades formadoras e as escolas de Educação Básica que recebem os graduandos. Além disso, o estágio não é avaliado conjuntamente pelas instituições envolvidas. Isso mostra que não basta existir inúmeros documentos legais se a realidade está muito longe de corresponder ao que está instituído nos documentos.

Em primeiro lugar, os alunos universitários têm grande dificuldade para conseguir uma escola para estagiar.

Em segundo lugar, os relatórios de estágio, que normalmente são entregues impressos aos professores universitários que fazem a supervisão do estágio na instituição formadora, comprovam que, depois de conseguir a vaga com dificuldade, os estagiários observam uma grande quantidade de aulas que apresentam muito mais exemplos insatisfatórios do que satisfatórios de práticas docentes.

Além de se sentirem intrusos nas salas de aula dos professores

observados, já que a maioria dos docentes da Educação Básica não se preocupa com o estagiário e deixa claro que a sua presença não é bem vinda, os graduandos passam 700 horas observando práticas que transformam o ambiente escolar em algo maçante, cansativo e desestimulante.

Embora surjam relatos de professores comprometidos, impera a prática de não se preparar aula, de se repetir a mesma atividade durante várias aulas, de se passar uma aula inteira apenas passando matéria na lousa, de basicamente fazer os alunos decorarem longas listas de conteúdos.

A educação continua tradicional e repressora quando deveria ser libertadora [21]. Questiona-se, então, qual seria o papel do Estágio Curricular Supervisionado na formação do profissional da área de Letras nos dias de hoje na medida em que a maioria dos estagiários sai com uma péssima impressão do dia a dia docente.

Os próprios relatórios de estágio são alvos de críticas por parte dos graduandos, pois eles, normalmente, são lidos apenas pelo professor ao término do período letivo.

É imprescindível destacar que o docente que supervisiona o Estágio Curricular Supervisionado pode solicitar, em sala de aula, uma troca de experiências entre os colegas, mas, levando-se em consideração a quantidade média de alunos por turma, 30 graduandos, tal prática torna-se difícil. Em um mundo tão colaborativo como o de hoje, pouco se consegue com um material que é lido apenas por uma única pessoa. Uma mudança é necessária.

O mais curioso é que, naturalmente, como 1h30min de aula por semana e os relatórios em papel não davam conta de funcionarem como espaço de troca e de reflexão de informações sobre as aulas da Educação Básica observadas, os graduandos passaram a usar a página pessoal da professora (no Facebook) que supervisionava o estágio para contar as experiências que mais geravam inquietações.

Com o tempo, os universitários também passaram a utilizar a página pessoal para tirar dúvidas sobre o estágio, para oferecer dicas aos colegas de escolas públicas e privadas que bem recebiam os futuros professores. Assim, a docente que ministrava a disciplina que supervisionava o Estágio Curricular Supervisionado aprendeu, com os alunos, a usar a rede social como uma ferramenta didático-metodológica. Os papéis de professor e alunos misturaram-se e os próprios discentes passaram a ajudar a pesquisadora a buscar novos caminhos para melhorar o processo de formação docente.

Foi a partir dessa prática natural que surgiu a proposta de criar um mecanismo coletivo para facilitar a troca de informações entre os estagiários; para propiciar discussões; para permitir desabafos e questionamentos; para dividir boas e más experiências pedagógicas vivenciadas ao longo do cumprimento do Estágio Curricular Supervisionado. Acompanhar os Estágios Curriculares Supervisionados por meio de uma rede social foi a opção.

Docentes malformados, pouco informados, sem entusiasmo e sem comprometimento usam ferramentas tecnológicas sem nenhum propósito evidente, situação que não caracteriza a experiência aqui descrita. A presente pesquisa trouxe, então, à tona, reflexões sobre o uso da Internet e das redes sociais no

mundo moderno e no ambiente educacional dos cursos de formação docente.

Depois de criada a página, em 06 de agosto de 2012, os resultados vieram a cada dia. Logo de início um grande número de alunos passou a enviar postagens para o perfil com dúvidas, com sugestões de escolas, com pedidos de ajuda para conseguir vaga em alguma escola; para contar alguma experiência vivenciada nas escolas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio; para indicar aos outros graduandos dicas culturais de filmes que tratavam do tema educação; para compartilhar vídeos e fotos, captados pelos celulares, também sobre o tema educação, prática que era impossível nos relatórios impressos. É o celular, tão temido nas salas de aulas de alguns professores, a favor do processo de aprendizagem colaborativa.

Várias vozes estavam presentes ao mesmo tempo em um mesmo ambiente. Alunos de uma mesma sala e mesma disciplina ajudavam-se, mas ajudavam também alunos de semestres e de disciplinas diferentes. Veteranos ajudavam calouros. Calouros ajudavam veteranos. Surgia, portanto, um ambiente colaborativo.

O Facebook funcionou como uma nova ferramenta pedagógica que facilitou o processo de formação docente e o docente não perdeu sua importância, receio de muitos. Apenas é possível perceber que a principal função do professor, nos dias de hoje, na escola híbrida, não pode ser mais simplesmente a difusão dos conhecimentos, que agora é feita de maneira mais eficaz por outros meios, como por meio das redes sociais.

Os alunos passaram, com o tempo e por meio de um processo de amadurecimento acadêmico e científico, a fazer relatos muito mais reflexivos com o transcorrer do semestre. Não que isso não ocorresse com os relatórios impressos. Mas é fundamental dizer que no Facebook esse processo deu-se de forma muito mais intensa, significativa e coletiva. Os futuros professores passaram a produzir, coletivamente, o próprio conhecimento.

Evidentemente, é importante ressaltar que o professor formador, diante de novas práticas de formação docente, deverá ter disponibilidade para acompanhar, por exemplo, as páginas criadas, comentar os *posts* dos alunos, responder a dúvidas e publicar conteúdos. Contudo, mais uma vez, percebe-se que tal prática não representa um tempo perdido na formação docente, mas, sim, um real exercício educacional, talvez, um novo modelo que dialoga com a contemporaneidade.

O Facebook funcionou como uma nova ferramenta pedagógica que facilitou o processo de formação docente. Sem sombra de dúvida, a tecnologia, quando bem utilizada, potencializa o caráter coletivo da aprendizagem. Todavia, não é ela que melhorará a qualidade da educação brasileira. Só o educador bem formado, criativo e comprometido pode fazer isso.

Referências

- [1] D. Saviani. **Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas**. Poiesis Pedagógica, v. 09, n.º 1, 2011.
[2] M. de L. Peña e S. M. Allegretti. *Escola Híbrida: aprendizes imersivos*. **Revista Contemporaneidade Educação e Tecnologia**, v. 01, n. 02. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/05/edutechi_puc20121.pdf, 2012. Acesso em: 02 dez. 2013.

- [3] P. Freire e S. Guimarães. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
[4] N. Alves. **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 68.
[5] M. de L. Peña, M. e E. F. S. Masini. **Aprendendo Significativamente: uma construção colaborativa em ambientes de ensino presencial e virtual**. São Paulo: Editora Vetor, 2010.
[6] P. Lévy. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
[7] F. C. A. Carvalho. **Tecnologias que educam: ensinar e aprender com tecnologias da informação e comunicação**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010, p. 40.
[8] J. M. MORAN. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.
[9] M. da G. Setton. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 104.
[10] V. M. Kenski. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007, p. 45.
[11] M. de L. Peña e S. M. Allegretti. *Escola Híbrida: aprendizes imersivos*. **Revista Contemporaneidade Educação e Tecnologia**, v. 01, n. 02. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/05/edutechi_puc20121.pdf, 2012. Acesso em: 02 dez. 2013.
[12] P. Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
[13] P. Freire. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
[14] V. M. Candau. **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1996.
[15] I. Alarcão. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2010, p. 91.
[16] M. de L. Peña, M. e E. F. S. Masini. **Aprendendo Significativamente: uma construção colaborativa em ambientes de ensino presencial e virtual**. São Paulo: Editora Vetor, 2010.
[17] A. Lemos, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 131.
[18] A. Lemos, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 145.
[19] W. Freire. **Tecnologia e educação: as mídias na prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008, p. 82.
[20] P. Freire e S. Guimarães. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
[21] P. Freire. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.